

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Identidade e resistência em *Filhos da Pátria*, de João Melo

Karine Xavier dos Santos¹
(CNPq/UDESC)

Resumo: Apresenta-se uma análise de contos do escritor angolano João Melo, publicados em *Filhos da Pátria* (2008), com o objetivo de se reconhecer como neles são problematizados os sentidos de identidade e resistência. Trata-se de uma pesquisa de base bibliográfica, fundamentada teoricamente em Bauman (1999) e Hall (2005), bem como em estudos a respeito da literatura angolana de Chaves (2006), Tutikian (2006) e Hamilton (1999), principalmente. Como primeiro momento da investigação, procedeu-se ao reconhecimento das principais temáticas de todas as narrativas que compõem o referido livro de contos do autor, concluindo-se que, em conjunto, elas apontam para a construção de uma identidade que foge aos padrões estereotipados do país angolano, com uma perspectiva crítica sobre os sentidos de violência, desigualdade e nacionalismo. Posteriormente, e para aprofundar a discussão sobre os resultados iniciais, selecionou-se três narrativas que abordam respectivamente esses temas: “Tio, me dá só cem”, “O cortejo” e “O efeito estufa”. Constatou-se, assim, que os textos de João Melo questionam, com certa dose de humor e ironia, qualquer pretensão de identidade unitária para os angolanos, constituindo-se como espaço de resistência a padrões culturais ocidentais por, entre outros fatores, destacar a existência das diversas etnias e tribos que devem ser consideradas no complexo sentido de construção da angolidade.

Palavras-chave: Identidade. Resistência. Literatura Angolana. Pós-colonialismo.

1. Introdução

Apresenta-se, a seguir, uma síntese dos principais resultados teórico-críticos obtidos no atual estágio da pesquisa. O trabalho visa reconhecer como são problematizados os sentidos de identidade e resistência nos contos de *Filhos da Pátria*, do escritor angolano, João Melo. Trata-se de um estudo de base bibliográfica, fundamentada teoricamente em Bauman (1999) e Hall (2005), bem como em estudos a respeito da literatura angolana de Chaves (2006), Tutikian (2006) e Hamilton (1999), principalmente. Primeiramente, busca-se reconhecer as principais temáticas de todas as narrativas que compõem o referido livro de contos, e observar como elas apontam para a construção de uma identidade que foge aos padrões estereotipados do país angolano, com uma perspectiva crítica sobre os sentidos de violência, desigualdade e nacionalismo. E em um segundo momento, analisar Três contos específicos, sinalizando como a

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

identidade é representada nos contos.

¹ Acadêmica bolsista do Curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA). Este artigo apresenta resultados parciais do projeto “Construções identitárias, processos de resistência: o conto contemporâneo nas literaturas africanas de língua portuguesa”, desenvolvido sob a orientação da Prof^a Dr^a Inara de Oliveira Rodrigues (DLA/UESC).

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

2. Identidade no pós-colonialismo

O pós-colonialismo, de um modo geral, refere-se ao período posterior às independências dos países colonizados, com destaque para as realidades histórico-sociais da América Latina, África e certas partes da Ásia. Entretanto, muito além de um marco temporal, o “pós” do pós-colonialismo traz consigo uma carga de significadores e referentes políticos e socioeconômicos (HAMILTON, 1999, p.16): desse modo, os ex-colonizados e os seus descendentes, mesmo após a independência de seus países, avançam em direção ao futuro de costas: “Os descolonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo” (HAMILTON, 1999, p.17).

Os habitantes das ex-colônias iniciaram um processo de reconquista de si mesmo a partir da recusa do colonizador. “Considerado em bloco como *eles ou os outros*, sob todos os pontos de vista diferente, homogeneizado em uma radical heterogeneidade, o colonizado reage recusando em bloco todos os colonizadores” (MEMMI, 2007, p.171). Os recursos utilizados pelos ex-colonizados são: a afirmação da diferença, renovação religiosa e o fato de se aceitar e se querer como negatividade.

Um dos elementos em que essa herança encontra-se fortemente marcada é a língua. Segundo Memmi (2007), a língua do colonizado sempre foi desvalorizada, esmagada. Esse dado, associado ao fato de as línguas africanas serem predominantemente orais, contribuiu para a ascensão do idioma português como língua oficial. Deve-se considerar, contudo, que em países onde são muitos os grupos étnico-linguísticos, a disputa pela hegemonia de uma língua levou os líderes dos movimentos de independência, como o angolano José Luandino Vieira, a defender o português como a língua oficial do seu país: “Luandino declarou que a língua portuguesa era um ‘troféu de guerra’, pelo qual milhares de angolanos morreram durante a guerra de libertação” (HAMILTON, 1999, p.17).

Assim, a língua é portuguesa, mas a compreensão do mundo é angolana, moçambicana, etc. No entanto, deve-se reconhecer que não há só a literatura africana produzida em língua portuguesa, pois há também uma literatura produzida em língua nativa. Além, da inserção de elementos da oralidade na literatura africana como forma de preservação da memória que se erige em tradição escrita, pois “[...] a (única) tradição operativa e produtiva em que se insere é a

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

tradição oral e é aí que se produz essa “miragem oral” que se revela no texto negro-africano” (PORTUGAL, 1999, p.38).

Considerando-se a importância da relação língua/identidade, deve-se compreender, com Bauman (1999), que a política de identidade, nos tempos atuais, volta-se para a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Desse modo, a literatura funciona como elemento vinculador da identidade das ex-colônias portuguesas na África, “[...] estudos pós-coloniais

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

ênfatisam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história” (BAUMAN, 1999, p.13). Pois, a identidade é passível de mudança conforme há alterações na cultura, no espaço e nas relações sociais. Essas identidades tornam-se cada vez mais plurais à medida que as culturas se tornam mais complexas.

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) utilizam a literatura como forma de resistência identitária contra os padrões homogeneizantes europeus. Principalmente, porque, “A medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 1999, p.74). Pois, há no imaginário coletivo a ideia de uma comunidade em que “todos” os membros possam se identificar. Essa “ideia” não corresponde, necessariamente, a comunidade real, mas é um meio de manter seus membros unidos.

Nos países colonizados, os confrontos entre dois universos culturais foram constantes, e mesmo depois do fim da colonização essa era de diferenças persistiram (CHAVES, 2006). Pois depois da chegada do colonizador, as bases do país colonizado foram alteradas de modo irremediável. Por isso, é interessante refletir sobre a relação da África e as heranças que lhe foram impostas por séculos de colonização,

Isso porque, no século XIX, quando se inicia a atividade literária em países como Angola, Cabo Verde e Moçambique, aos nossos dias, na produção literária, inscreve-se de maneira densa o peso das contribuições sobre as quais se estruturava a sociedade colonial e as suas repercussões no período que sucede à independência política conquistada nos anos de 1970 (CHAVES, 2006, p.250).

Importa ressaltar que durante o período final da época colonial, os PALOP, por meio da expressão literária, visavam ao protesto social e fundaram as bases da atual escrita pós-colonial (HAMILTON, 1999). O escritor que se autodenomina, angolano, moçambicano, cabo-verdiano, guineense e são-tomense propõe a reflexão sobre “novas estruturas transregionais, transnacionais translinguísticas e, como consequência, transculturais” (HAMILTON, 1999, p. 22). A sociedade não é homogênea. Numa mesma sociedade há a interação de diversos grupos sociais, nem sempre convivendo de forma pacífica entre si. O sujeito moderno escolhe com quais desses

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

grupos ele vai se identificar.

Assim, reafirma-se que pensar a literatura implica pensar a questão da identidade (TÚTIKIAN, 2006, p.11) e, por isso, a arte literária foi tão importante nos diferentes processos de formação de uma identidade nacional nos países colonizados: “a literatura africana é uma negação dos mitos produzidos na era colonial” (KESTELOOT apud PORTUGAL, 1999, p.25). A identidade, nesse sentido, é vista não como algo pronto, mas construído pelas múltiplas contingências ao sujeito, que é sempre passível de mudança e nunca se encontra em sua forma acabada (BAUMAN, 2005).

Dito de outro modo, as narrativas produzidas no período de emancipação na África de língua portuguesa tornaram-se elementos de resistência e de fundamental importância na mobilização de povos, além de uma tentativa de fortalecimento das identidades locais, “até porque a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” (TÚTIKIAN, 2006, p.15). Nesse sentido, a literatura é muito importante para a construção da imagem/identidade de uma sociedade/nação, pois, segundo Inocência Mata (2007), o texto literário funciona como representação do imaginário cultural, por conseguinte, é importante na construção da imagem de um povo:

[...] o texto literário, como representação artística do imaginário cultural, é um desses documentos e, como tal, um objeto simbólico muito importante na construção da imagem da sociedade, sobretudo em espaços políticos emergentes, que vivem de formas por vezes ambígua e tensa a sua pós-colonialidade (MATA, 2007, p.22).

Atualmente, a literatura africana de língua portuguesa possui um novo desafio, o de buscar saídas para a incerteza contemporânea: “descortina-se [...] um outro papel para essas literaturas que [no período pós-independência]: a tradução de seus novos signos” (TÚTIKIAN, 2006, p.31). Desse modo, analisaremos alguns contos angolanos para ver como o processo de resistência identitária aparece na literatura.

3. De que pátria são esses filho?

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Filhos da Pátria (2008) aborda, entre outros aspectos, os “primeiros passos” de Angola como um país livre. O livro é composto por dez contos e um glossário explicativo das palavras específicas angolanas – como se sabe existem. Foi publicado pela primeira vez em 2001, em Angola, pela editora Nzila, e apenas em 2008 foi publicado no Brasil pela editora Record. Embora a publicação no Brasil tenha ocorrido com atraso, isso revela que há um importante movimento de lançamentos de autores angolanos no Brasil (um movimento, embora tímido, de aproximação entre os PALOP).

A temática recorrente nos contos é sobre a questão da violência, pobreza, desigualdade, corrupção, nacionalismo. No entanto, a Angola representada nos contos vai além dos padrões estereotipados ditados pelo olhar herdado da colônia. Os contos mostram um país em transformação - em busca da autoafirmação. O autor usa o cotidiano para demarcar as sutilezas

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

dessas transformações na vida dos angolanos, ou seja, os personagens são populares (representantes do povo) e representativos de cenas individuais que no conjunto irão fornecer elementos da cultura angolana ainda em formação.

O estilo de escrita é marcado pela ironia, o humor crítico, o diálogo entre narrador e leitor entre outras características. Essa especificidade da narração difere do modelo europeu e contribui para a construção de uma literatura própria. Pois um estilo literário próprio é de fundamental importância na construção identitária de um país. Uma literatura própria significa que os escritores/intelectuais são maduros o suficiente para narrar suas próprias histórias (as histórias do seu povo) de maneira única.

A maioria dos contos apresenta um narrador heterodiegético. No entanto, em muitos casos, a fala do narrador se confunde com a fala dos personagens, revelando um imbricamento de vozes, demarcado pelo discurso indireto livre.

Há, também, o uso de termos importados da oralidade e de vulgarismos, o que dá originalidade ao texto e corrobora para uma linguagem mais representativa de uma vida marginal, ou seja, a escrita de João Melo possui uma correspondência com a linguagem dos excluídos que o autor evidencia nos seus textos. O uso da oralidade (influência da literatura oral) revela traços da resistência identitária e cultural, em relação à literatura canônica ocidental.

O livro é composto por onze contos, coletados entre o período de pós-guerra de independência (1975) e início do século XXI. São eles: “O elevador”, “Tio, mi dá só cem”, “Natasha”, “O efeito estufa”, “O homem que nasceu para sofrer”, “*Ngola Kiluanje*”, “Shakespeare ataca de novo”, “O cortejo”, “O feto”, “Abel e Caim”. Desses onze contos, foram selecionados três para a análise crítica (o segundo, o quarto e o oitavo), devido a sua temática e riqueza linguística.

O conto “Tio, me dá só cem” narra a história de um menino pobre e marginalizado que dialoga com personagem sem voz. Esse menino é um deslocado², cuja mãe foi assassinada e estuprada por guerrilheiros, e o pai membro da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA)³. Devido a esses acontecimentos trágicos, o garoto que vivia no interior, foge para Luanda e vive de restos de comida, esmolas e pequenos assaltos,

[...] estás a rir tio, num ri então, tu não sabes que tem comida de refugiado, de

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

deslocado, de roto, de esfarrapado, de desgraçado, lhe procuramos todas as
noites nos contentores, lutamos, nos aleijamos, encontramos mesmo boas

² Os deslocados, diferentemente dos refugiados, são pessoas que estão deslocadas dentro do seu próprio país, e apesar do autor usar as duas palavras indiscriminadamente, o direito internacional não possui uma lei ou norma internacional que cubra especificamente essas pessoas.

³ A UNITA foi um forte partido que lutou primeiramente pela independência de Angola e posteriormente entrou em uma Guerra Civil pelo controle político total do país que só terminou após a morte do seu líder em 2002.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

coisas, ossos de galinha assim com umas tiras recicláveis [...] (MELO, 2008, p.27).

O êxodo rural é um fato característico de Angola no período de pós-independência devido à guerra de partidos rivais no interior do país em busca de poder político. A Guerra Civil que durou quase trinta anos matou centenas de milhares de pessoas, obrigou outras centenas de milhares a deixar suas propriedades rurais e migrarem para as cidades que não estavam preparadas para recebê-las.

Desse modo, estão presentes na narrativa questões como: a pobreza, a falta de instrução e a violência, promovidas pela desigualdade do país. O diferencial do conto, em relação aos outros do mesmo livro, é que toda a narrativa desenrola-se pelo olhar do menino. Nesse sentido, a voz é emprestada ao oprimido que, dessa forma, pode narrar a sua própria história. As imagens da periferia luandense e as situações de extrema pobreza vividas pelo personagem são ilustradas por João Melo como forma de desconstruir a visão estereotipada da literatura do colonial, uma nova forma de narrar a cultura/identidade do angolano (uma angolano excluído pertencente a uma sociedade de forte cunho colonial).

A linguagem é uma mescla de oralidade e escrita, com o emprego de muitos palavras possibilitando uma proximidade com a realidade das ruas, uma realidade de quem não teve acesso à educação formal. Todo o texto é constituído por único parágrafo o que pode ser associado ao fluxo da fala do personagem, que por meio do seu relato, inconscientemente, está fazendo uma crítica social em relação aos jovens do seu país que são empurrados para a marginalidade e mesmo contra a vontade são obrigados a se adaptarem a esse sistema perverso, devido às transformações políticas e econômicas por quais passa o país. Pois a zona urbana, representada aqui por Luanda, capital do país, não foi estruturada para abrigar tantas pessoas que se amontoam nas periferias da cidade, sem as mínimas condições para se viver com dignidade.

O conto “O efeito estufa” narra a história de um estilista angolano que é contrário a qualquer tipo de influência portuguesa na cultura angolana. O personagem protagoniza um verdadeiro drama contra um bacalhau na mesa de almoço devido ao fato do peixe está associado aos portugueses e conseqüentemente à sua cultura. A narrativa assemelha-se ao nosso “O triste

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, por apresentar um nacionalismo exacerbado no discurso do personagem principal Charles Dupret,

Chales Dupret. Apesar de ter este nome, claramente anglo-afrancesado, ele era o mais acérrimo defensor da autenticidade angolana. Angola é um país de pretos! Esta frase contundente e obsoleta estava presente em todos os discursos que fazia, mesmo quando falasse apenas do estado do tempo (MELO, 2008, p.59).

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Seu lema revela, além de uma visão nacionalista, uma racista, já que há muitos angolanos brancos em Angola. No entanto, o conto apresenta uma contradição, pois o mesmo alfaiate nacionalista que se recusa a comer bacalhau por representar a cultura portuguesa, manda a filha para estudar na Europa, mostrando-se assim, suscetível à influência inglesa e também à americana,

- Eu tenho razão! Eu tenho razão! Estamos totalmente endrominados pelos tugas! O problema é o bacalhau! A partir de agora não quero mais bacalhau nesta casa! Mas porquê que não fomos colonizados pelos ingleses, porra?! ... Sandra, vê lá se pões aquele CD do Michael Jackson!... (MELO, 2008, p.69).

Nesse trecho, João Melo utiliza o humor para denunciar que a identidade angolana não é ameaçada apenas pela sombra do passado colonial, mas também, pelas influências da globalização ocidental (liderada, principalmente, por americanos e ingleses). Percebemos, também, o quanto a questão da globalização é complexa, pois o personagem principal, mesmo tentando de todas as formas proteger a identidade nacional (no seio da sua família) das influências externas, acaba entrando em contradição, ou seja, a rejeição é exclusivamente em relação à cultura portuguesa. A influência inglesa e americana por serem consideradas “superiores” é bem vista.

Outra questão que é interessante observar é a questão da negação colonial. Independentemente dos danos que a colonização causou aos angolanos, ela faz parte da sua identidade, pois muitos são filhos, netos de portugueses outros tantos possuem uma formação colonial, sem falar na herança da língua que os textos são vinculados. É importante ressaltar que mesmo em forma de negação, a cultura portuguesa é fundamental na construção da identidade angolana, pois as marcas da colonização não podem ser apagadas, apenas ressignificadas.

“O cortejo” narra o contraste existente na capital Luanda, onde existem pessoas muito ricas e outras muito pobres. Dois filhos dos novos ricos angolanos se casam e contratam uma carruagem para transportá-los no dia do casamento. No entanto, os cavalos disparam levando-os para o outro lado da cidade. Durante o percurso o casal e as pessoas que os seguiam em cortejo observam todas as contradições contidas em uma metrópole como Luanda

Embora o país seja relativamente rico em relação aos seus vizinhos, a distribuição de renda não é feita de forma igualitária, ou seja, Angola é um país rico que possui povo pobre. Pois,

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

apesar de exportar cerca de um milhão de barris de petróleo por dia, multinacionais e de possuir jazidas de diamantes no seu território, essa renda não é passada de forma igualitária para todos os angolanos. A maioria dos angolanos vive na extrema pobreza, enquanto alguns poucos concentram a riqueza do país.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Logo após a independência de Angola, já começaram a surgir os novos ricos (pessoas que aderiram ao sistema capitalista ocidental) que dominam o sistema econômico, essas pessoas são capazes de gastar em um jantar o que muitos angolanos ganham em um mês de trabalho. E a capital Luanda é o cenário principal desses dois universos contrastantes, que são os das pessoas que têm dinheiro e os das pessoas que não têm o que comer, o que vestir, não têm acesso a energia, a tratamento de esgoto e a água encanada mesmo morando na cidade. Os interesses pessoais e a sedução pelo ideário de riqueza capitalista corromperam muitos que dentro dos seus carros com ar condicionado deixaram de enxergar as crianças rotas, esfarrapadas e magras pedindo nas ruas:

[...] não fora o facto de serem aquelas crianças especiais, sujas, rotas e descalças, umas com suas caixas de graxa às costas ou mil e um artigo nas mãos, que tentavam a todo custo vender a quem passava, ou simplesmente de mãos vazias, eram, vamos dizê-lo, a imagem nítida do futuro de Angola, caso os homens não resolvessem dar-lhes a mão (MELO, 2008, p.138).

As principais vítimas das desigualdades sociais são as crianças (a geração pós-guerra de independência e entre guerra civil), algumas órfãs outras tendo que ajudar no sustento da família, deixando de ir à escola. E mesmo, o discurso de independência de Angola ter sido pautado nos ideias socialistas importados da União Soviética, eles foram logo esquecidos após a independência do país. A corrupção, a má distribuição de renda e a briga constante pelo poder fez com que muitos perdessem seus lares e fossem obrigados a viver em condições subumanas nas cidades abarrotadas de gente. A população predominantemente jovem cresce desamparada, sem educação e sem perspectiva de uma vida melhor.

Nesse ponto, vemos que as marcas da colonização ainda continuam presentes na vida dos angolanos, e é função dos escritores alertarem para esses detalhes, conscientizarem a população (ainda com uma literatura engajada com os temas sociais) sem, no entanto, perder a riqueza estilística.

Ao contrário do narrador, eu, segundo dizem alguns, deve manter frieza diante das mais indignas situações, os dois cavalos achavam que o estilo de vida dessas duas famílias de novos ricos angolanos (isto continua a ser uma mera constatação e não uma classificação e, muito menos, um xingamento) era profundamente ignóbil e, por isso, dispensavam-lhes, no seu íntimo um desprezo absoluto e definitivo (MELO, 2008, p.140-141).

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

João Melo utiliza-se do humor e da ironia para criticar a realidade do seu país. Com o recurso da humanização dos cavalos, que frequentemente emitem opiniões sobre a realidade que os cerca e influenciam diretamente no desenvolver da trama, é possível perceber a falta de

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

sensibilidade dos “novos ricos” em relação aos pobres de Luanda. Além do mais, o narrador interfere o tempo todo na narrativa, interrompendo-a para oferecer informações extras, emitir opiniões, dialogar com o leitor, tornando-o cúmplice e/ou coparticipante da história.

O autor busca identificação com o público leitor fornecendo além do recurso de “conversa” (aproximação com quem ler), um vocabulário tipicamente angolano, ou seja, apesar dos contos serem escritos em Língua Portuguesa, ele utiliza palavras típicas de Angola (influência das diversas línguas que coexistem nas ruas juntamente com a língua oficial). No entanto, fora do contexto angolano, os textos servem para a divulgação dessa literatura emergente de um país ainda em formação.

4. Conclusão

A literatura desempenha um importante papel história de um país, pois ela é um dos principais veículos do imaginário de nação, e serve para fortalecer os laços identitários dos membros de uma nação, pode ser objeto de luta e resistência ou mesmo de denuncia social. Em relação aos PALOP, em especial de Angola, a importância da literatura é ainda maior, pois revela uma visão de mundo a partir de uma cultura/um povo específico.

Os contos de João Melo, além de disseminar a cultura angolana por meio das 172 páginas do seu livro, também desconstrói estereótipos, mostrando personagens complexos (não só bonzinhos ou maus, vítimas ou vilões). E o processo de resistência identitária, acontece por meio de personagens comuns que vivenciam cenas do cotidiano, mas um cotidiano tipicamente angolano. Em relação à temática, a questão da fome, da violência, da desigualdade social aponta para os novos desafios que Angola, agora como um país livre, após anos de guerra (de independência e civil), deve enfrentar e construir um ideário de nação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. Disponível em: [tp://bit.ly/MlkV95](http://bit.ly/MlkV95). Acesso em 16 de maio de 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

HAMILTON, Russell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. **Anais... IV ENCONTRO DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**. São Paulo, USP, 1999.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? In: **Revista de Pós v-Graduação em Literatua Portuguesa (2007)**. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero8/inocencia.htm>. Acesso em 12 de Maio de 2012.

MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PORTUGAL, Francisco Salinas. **Entre próspero e caliban – Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Galiza: Laiovento, 1999.

SAÚTE, Nelson. **Rio dos bons sinais**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

TUTIKIAN, Jane. A identidade sob nova face: globalização, pós-colonialismo; hibridismo. In: _____. **Velhas identidades novas**. O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre; Sagra Luzzatto, 2006.